

OS RIDÍCULOS

Nº 191 — 22 - 6 - 74

DIRECTOR: SILVA NOBRE

PREÇO — 5100



JÁ QUE NÃO FUI K.O.
NUM COMBATE
DE 50 ANOS...
VOU FICANDO
AQUI NO RINGUE
A VER O
QUE É QUE
ISTO
DÁ!...

FERRAZ

OS GRANDES PONTOS INTERNACIONAIS

Em Espanha o General Diez Alegria teve uma grande tristeza: foi sugerido o seu afastamento do cargo de chefe do Alto Estado Espanhol, ao que parece por pressões vindas da extrema direita. Claro que se ele pensar bem, até lhes deve ficar grato, porque já fez os oitenta e nove anos e se acham que ele é um perigo para a rígida política espanhola, o melhor que ele faz é ir descansar um bocadinho.

Verdade verdadeira, sempre ha-de haver outros generais mais novos e que possam responder à letra à extrema direita...

A China depois de ter andado a proclamar aos quatro ventos que a União Soviética a anda a prejudicar, decidiu tomar medidas práticas. E decidiu começar a construir abrigos subterrâneos para a sua população, no previsão de que os russos qualquer dia menos dia lhes queiram limpar o cebo. E não estão com meias medidas: a principal máxima de Confúcio, que tem durante milénios regido toda a ética religiosa, e que foi tim-tim por tim-tim adoptada por Cristo é a de "não faças aos outros o que não queres que eles te façam".

Pois agora o grande jornal chinês "Bandeira Vermelha" acaba de declarar que essa máxima é uma mentira das classes exploradoras, e decidiu que ela deve ser alterada e passar a ser assim:

"Faizei aos outros aquilo que não gostareis que eles vos façam".
O que não é muito original no espírito, mas pode justificar muita coisa...

Para variar um bocadinho da politica, reuniu-se em Genebra a fina flor dos meteorologistas e conseguiram fundos para ir fazer uma operação gigantesca de análise da atmosfera de todo o globo ao mesmo tempo. Querem saber donde vêm os ventos, donde vêm as tempestades, donde vem o frio e donde vem o calor. Ah, e muito mais importante: para onde vão essas coisas todas.

Kissinger anda muito chateado, e aqui para nós tem razões para isso. Agora anda também a dizer que ele é um dos implicados no escândalo Watergate, e que por, isso também tem certas coisas a explicar. Ora ele já disse muitas vezes que não tem nada que ver com o assunto e só falta pôr nos jornais uma declaração como aquela que por cá se usa a dizer que não é nem nunca filho da PIDE. Ele dirá que não é nem nunca filho do Watergate.

Gaita, que também aqueles americanos nunca mais se calam com aquela porcaria. Não deixam ninguém governar a vida tranquilamente!

Vocês leram aquela historia do lorde e da "lorda" irlandeses que tinham sido raptados? Pois os velhotes passaram uns oito dias nas garras dos jovens malfeteiros (bonita frase!) e depois foram deixados tranquilamente num jardim publico. Eles nem sabiam porque motivo tinham sido raptados: mas parece que tinha sido ainda por causa da greve da fome das irmãs Price. Como elas decidiram acabar com a greve, os raptadores decidiram ir entregar os velhotes, que assim ficam com mais uma aventura para contar aos bisnetos.

Esta coisa dos atentados terroristas nos campos de desporto não é lá das coisas mais tranquilizantes. Na Alemanha um jornal avisou as pessoas de que era muito possível que campeonato do Mundo que se está agora a realizar, houvesse mais uma cena dessas. E depois venham cá dizer que é perigoso arbitrar um desafio. Perigoso é haver o próprio desafio!

Os "nuestros vecinos" (quem é que disse que eram irmãos?) andam a dizer nas fronteiras aos turistas para não vires para Portugal. Dizem que há por cá tioroteo nas ruas, motins de toda a espécie e para culminar uma gravíssima epidemia de colera. Claro que há muita gente que ainda acredita. Mas parece que quem quizer cá vir, deve acreditar mais no que dizem os correspondentes dos jornais de todo o mundo, do que as bacoradas de qualquer agente da Seguridad na fronteira. Agora é que apetece ir lá a gritar-lhes:

— Fascistas! Já se esqueceram da fome que passaram e que nós lhe mata-mos? É bem verdade: de Espanha nem bom vento nem bom casamento. Só se for "Ayuntamiento".



astro * labia

por: Horus Kopus



Este mês, todo ele dedicado aos Santos Populares, Arquinhos e Balões, não houve este ano arraiais e marchas populares, mas em contra partida os manjeiricos e os cravos, foram o nosso forte, mas como se aproxima um verão muito quente, é melhor ir regando as plantas para elas não murcharem. E o nosso pessoal é melhor ir pensando em se destacar à praia de vez em quando, para amandar o mergulho da ordem, porque o nosso entusiasmo não pode murchar, temos que estar sempre frescos e atentos.

No entanto convém ir fazendo uma preparação especial, para a próxima campanha eleitoral que promete ser muito concorrida e disputada. É tudo uma questão de competição e saber escolher.



CARNEIRO

TRABALHO — Terá que trabalhar até ao resto da sua vida, sem ter direito à reforma de especie alguma.

AMOR — Depois de ter amado tanto durante a sua vida, hoje encontra-se com o seu stock esgotado.

SAUDE — Você com uma saude dessas, ainda chegará a Touro



TOURO

TRABALHO — Agora com esta fase das greves, passo a fazer a semana das 35 horas, continui porque a pouco e pouco a semana de trabalho vai diminuindo.

AMOR — Será que é desta que lhe dará a alternativa de conhecer a sua cara-metade toda inteira?

SAUDE — Aconselhamos a tomar uns tónicos e calmantes pois este Abril em Portugal deixou muita gente agitada e desfalca.



GEMEOS

TRABALHO — Tudo vai bem no seu trabalho, desde que não meta férias, parte de doente ou participe pelo telefone que se encontra com dores de dentes ou de cabeça ou está com colera.

AMOR — Com tanta doçidade por esse seu passatempo favorito, ainda virá o tempo em que virará as costas e voltará a sua muito humilde e submisso.

SAUDE — Nem ao menos se sente à mesa, sem lavar as mãos. Depois não se queixe que a sua saude anda a meter água por todos os lados e entranhas.



CARANGUEJO

TRABALHO — Dedique-se a uma luta terrível do ganha-ló por que a sua tempera ainda virá a servir de levedura e fermento para as suas "buchas" por fora.

AMOR — Como a sua pessoa anda toda alterada, não faça exercícos sentimentais, porque pode inverter os termos.

SAUDE — Toda a vida sempre dedicou uma especial atenção pela sua famigerada saude, agora que se relaxou com esse aspecto não se esqueça que não teve a papelera e o sarampo em pequenino e em qualquer momento poderá ser atacado.



LEÃO

TRABALHO — É altura de começar a trabalhar para o próximo campeonato. Lembra-se que a última temporada foi do salve-se quem poder, portanto não custa nada preparar o terreno para que relva possa receber água à vontade.

AMOR — Essa paixão de "clubite aguda" sempre foi o seu forte. Não se exaiba de preparar os apetrechos para a sua próxima torcida.

SAUDE — Não há duvida que se encontra em perfeita forma física e quanto à neuraestenia não será pior consultar o seu famoso psiquiatra.



VIRGEM

TRABALHO — Ainda se encontra convalescente da sua última recaída, portanto cuidado porque o seu caixão parece que já se encontra fêto à medida e por encomenda. Afinal você até trabalha numa agência funerária.

AMOR — Com todo esse seu aspecto fúnebre não tente qualquer tentativa porque será mortal.

SAUDE — Acredite que afinal isso de ter que vir a morrer um dia é tudo uma questão de estar mais ou menos mentalizado para o assunto e basta estar vivo.



BALANÇA

TRABALHO — Então que tal esse trabalho sobre o arame? Você que é um mirabolante do trabalho já alguma vez conseguiu ser um equilibrado na sua produtividade.

AMOR — Será que ainda tenta fazer habilidades do seu terrível ciúme sobre o arame.

SAUDE — Cuidado com essa dieta, pois apesar de tudo você ainda continua muito pesado ara fazer esses trabalhos a grandes alturas.



ESCORPIÃO

TRABALHO — Não trabalhe tanto, olhe que a vida são dois dias e quem cá ficar que o ganhe. No entanto tenha ponderação e reveja a sua situação salarial e grevista.

AMOR — Esse inefável arfar, tem tanto de suspiração, mas já cuidou desse mau hábito.

SAUDE — Esses seus calos, sempre foram o seu calcanhar de Aquiles. Tome uma atitude: vá ao calista, porque senão ainda vai acabar por deixar de dar os seus passeios higiénicos.



SAGITARIO

TRABALHO — Como você tem andado muito produtivo nestes ultimos tempos pois nem têm feito greves nem reivindicações, está oportuno começar a pensar em meter férias pagas a cem por cento.

VIDA MUNDANA

RONDA DE SAUDADE

O velho cajeirão de vinho com a bela sardinha a pingar na bucha, agora já não há. Foi substituído pelo chouriço de conserva e pela sintética sangria.

Ai que saudades de quando eu me sentava nas escadilhas de Alfama altas horas da matina a ouvir o Fado Vadio, agora qual é a piléria tudo enclausurado nas capelinhas às escuras e leva-se e dá-se cada banhada. Meu Deus Senhor!

Outro dia fui à Bica vi lá a placa do nosso Lulo; ao menos esse de vez em quando ainda dá um arrinho da sua graça. E que saudades que eu tenho do miúdo do pó de talco! Estes ainda são daqueles que vieram do "Zé povo".

Embuçados, vias estreitinhas, Condessa e Marquesas, tascas reais, botes, Lisboas modernas e Lusitanos.

Irra, que é demais. Então os nossos bairros típicos já não têm direito aos arraiais e marchinhas, faduchos e bacalhau assado? Isto está de mal a pior. Então os arquinhos e balões? Puxa, que estamos a ficar sem regalias nenhuma. Uma pessoa também precisa dessas coisas. Além disso recordar é viver.

Não me venham com cantigas que isso do marialvismo é cambotino e machão, porque disso eu não entendo nada.

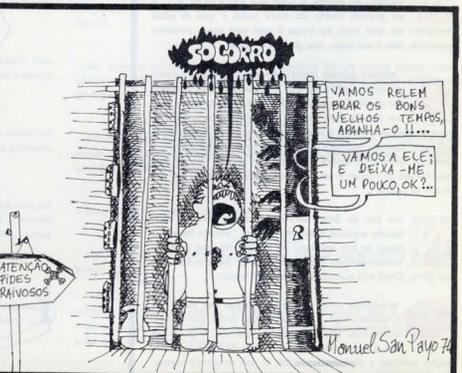
Agora ao som da canção apagada ouvir trinar e dedilhar a guitarra e viola e uma voz gemendo e soluçando, até me dá ganas e garras. Oh Ti Mila isto é que é fado! Vocês sabem lá o que é bom. Ai mizeinha que saudades!

A rua do Capelão, a Mouraria, a Madragoa e a Senhora do Monte... mas quem é que ainda se lembra destes "clausuros da nossa canção nacional", que hoje estão transformados em antros de élités? Bairro Alto e Intendente, Martim Moniz, ai velha rua da Palma, que saudades eu tenho de ti!

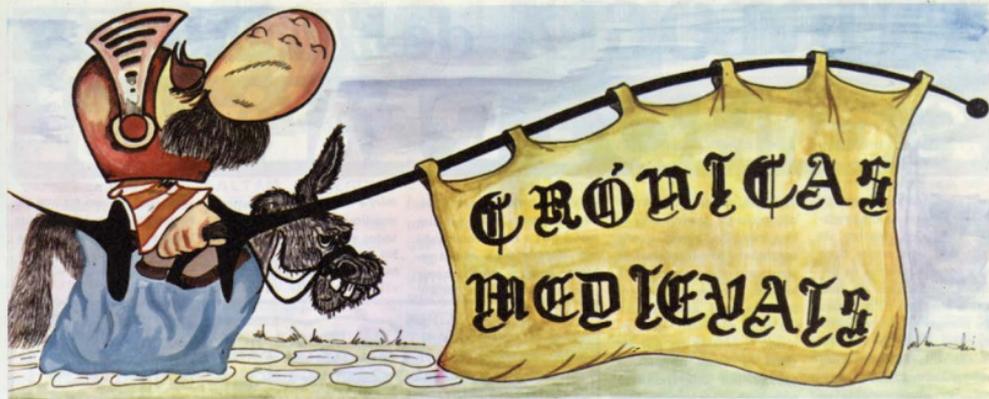
O Castelo, Alto Pina e Xabregas são bairros de quem já nem se fala, mas que são típicos e castiços.

E aqueles fora de portas que eram Benfica, Pontinha, Carmide, Areeiro, Olivais, Moscavide, Amadora... e quem se lembra de Odivelas e da Calçada de Carriche?

Tudo isso hoje passou à história. Do passado resta-nos uma recordação e na memória as saudades destes tão típicos bairros lisboetas. E pronto. Por hoje terminou mais uma ronda aos bairros típicos desta Lisboa tão ribeirinha e tão dos velhos tempos. Na próxima voltaremos aos nossos bairros e aqueles que não dissermos não foi por esquecimento mas sim por que não podemos percorrer Lisboa a pávio...



Manuel San Payo



A CACAÇA

EL-REI

— Olhai vassalos que cheguei. Então não me são prestadas as honras da praxe?

D.BRIOLANJA

— Ó filho deixa-te dessas fantasias, onde é que tu tens andado?

EL-REI

— Onde tenho andado? E que tendes vós com isso, senhora? Acaso é norma real as esposas atreverem-se a inquirir das deambulações dos reis?

D.BRIOLANJA

— E tu a dares-lhe. Quantas vezes é preciso dizer-te que essa coisa dos reis foi chão que deu uvas? Tu andastes nos copos ó quê?

EL-REI

— Dizeis bem, senhora minha. Andei nos copos. Nos copos duma infernal bebida que fermentam nesta terra e a que dão o nome de cachaça. Será talvez por isso que tenho uma dor bestial no cachaço. . .

D.BRIOLANJA

— Pois! E cá estou eu para depois te curar às cegas. Ora vai-te despir e meter na cama, que eu já te lá levo saís de frutos.

EL-REI

— Pois foi isso mesmo que me disseram ali na taberna do mestre André. Que isto era os frutos do meu governo. Olhai de lá D. Briolanja: agora que estamos finalmente sós, podereis dizer-me se eu governei mal o meu reino?

D.BRIOLANJA

— Não, filho; não governaste. Costuma dizer-se que o rei é o próprio reino: ora se tu e eu sabemos muito bem que te governaste, governar-te a ti era o mesmo que governar o reino. Por isso foste um bom rei, descansas.

EL-REI

— Pois é essa a terrível duvida que me assalta de dia e de noite e que me leva até às portas da taberna do mestre André. É que no fim de contas, eu arrecadei grossos cabedais, mas hoje por todas as coisas que tenho ouvido dizer, parece que houve quem se governasse mais do que eu!

D.BRIOLANJA

— Deixa lá, homem. Quem comeu comeu. Assim como assim agora eles só se lembram é dos grandes e importantes nobres: não lhes passa pela cabeça os milhares de dobrões e os milhões de maravedes que todos arrecadavam! E tu sabes bem: aquilo era uma especie de fartar vilanagem. . .

EL-REI

— Mas o povo, coitado. Aquele meu bom povo. . .

D.BRIOLANJA

— Cala-te desgraçado. Só de ouvir essa frase até fico doente.

EL-REI

— Então o que queres tu que eu diga? Felizmente já não tenho que fazer discursos, Porque senão era capaz de me sair essa pela boca fora. . .

D.BRIOLANJA

— Nem penses em fazer discursos. Olha que eu estou farta de dizer isso ao nosso compadre Marcelino. Mas ele é teimoso como um jericó, e apesar de ter sido avisado para não se meter em cuscuvilhices, já começou a dar à aldraba, o que é uma chatice.

EL-REI

— Não percebo porquê! A gente tem que dar as suas razões. . .

D.BRIOLANJA

— Olha o que vale é não haver nenhum prémio nobel da estupidez, senão tu tinhas direito a ele. Então tu não vós, desgraçado, que o melhor é não fazermos ondas? Se ninguém disser nada, talvez a gente consiga aguentar-se quietinhos até à idade da reforma. Agora se tu e o Marcelino começam para aí a dizer as boboseiras do costume, vais ver que não tarda uma loja de barbeiro que vamos dentro.

EL-REI

— Ai, senhora minha. Como me dói o capacete. Só de pensar nestas coisas dá-me vontade de voltar à taberna do mestre André e beber mais uma cachaça. . .

D.BRIOLANJA

— Então eu acho melhor veres se descobres nessa taberna um fidalgo qualquer desses com quem bebes a cachaça que convenças a casar com a tua filha. Sabes que ela tem bastante de seu. . .

EL-REI

— Sim, ela jogou bastante pelo seguro.

D.BRIOLANJA

— Pois! E essas coisas sabem-se. Ora eu sei que ela não tem dotes de grande beleza. . .

EL-REI

— Chica, que soides benévola em demasia. Ela é minha filha e eu não sou nenhum Adones: mas cada vez que olho para ela e depois me vejo ao espelho, julgo que sou o Marlon Brando. . .

ANTOLOGIA de HUMORISTAS

SONHO E REALIDADE

Uma vez enamorei-me de uma rapariga debaixo de uma árvore florida, e como estávamos na primavera, andávamos de mão dada e em bicos de pés, para não estragar a rapariga recém-nascida. Dávamos também grandes voltas para não pisar as formiguinhas, cumprimentávamos respeitosa e os sapos e atirávamos bombons e cigarritos aos passarinhos.

Como o amor nos torna bons!...

Ela era ruiva, e tinha uns olhos claros e transparentes, nos quais se refletia o céu azul. Um dia, no azul do céu apareceu uma nuvenzita.

"Se vai reflectir-se nos seus olhos deita-os a perder", pensei eu.

E imediatamente pedi-lhe licença, subi ao cumo de uma montanha altíssima até chegar ao lado da nuvenzita, e comecei a soprar, a soprar, até que a nuvem se desfez e desapareceu no céu.

Desci cansado e com todos os óntomas da "vertigem das alturas"; mas os seus olhos estavam limpidos como o céu, e para vê-los sempre assim teria subido, encantado, à mais alta montanha do mundo...

— Quero-te muito — disse-lhe — amo-te, idolatro-te... E já não sabia mais que

dizer-lhe, porque no amor não encontra palavras para se expressar. Ela, porém, queria continuar a ouvir palavras de amor com olhos cerrados pela emoção, e como eu não encontrava mais palavras para lhe dizer, aproveitei, envergonhado, a ocasião em que ela tinha os olhos cerrados, e escapei-me correndo. Só quando já estava bastante longe, muito longe, me vieram à imaginação as palavras que tinha em vão procurado.

Adoro-te; és minha, sou teu, somos um do outro. Queeres o meu coração? Aqui o tens. Queeres também o pancreas? Ofereço-to.

E voltei correndo onde a tinha deixado, mas já não a encontrei. Chamei, prometi-dizer-lhe, em altos brados, o meu coração e o pancreas; todos acudiram aos meus gritos, aldeões gulosíssimos de tais órgãos, gatos endominguados, bandos de meninos irreflectidos; todos menos ela...

"Não a tornarei a ver", pensei.

E então pisei as formigas saltei pesadamente, com os dois pés, sobre a ervinha recém-nascida, com o instinto de estragar; tirei aos passaros os bombons e os cigarritos que lhes tinha oferecido...

Como o amor nos torna maus!...

Voltei para casa, sem deixar de pensar nela, e assim passei dias e dias, procurando não dormir para não arrebatat, com o sonho, horas preciosas aqueles pensamen-

tinha roda delicadas musicas angelicais que acompanhavam todos os seus gestos, seus passos e suas palavras. Via-a dar esmolas aos pobres, socorrer as viúvas, acariar os orfãos

vivendo. E o caso foi que me enamorei desta criatura dos meus sonhos, mais ainda que da pequena que tinha abandonado naquele dia, no meio do bosque.



to. Via, como se os tivesse à minha frente, aqueles olhos azuis como o céu, aquelas mãos brancas e finas como as asas das mariposas; sentia à

que, uma vez mimados, a importunavam com supplicas e até com ameaças para que voltasse a acariciar-os.

Via-a aproximar-se de mim e falar-me ao ouvido, da nossa casinha, uma casita branca à borda do rio (mas rodeada de um muro bastante alto para evitar o perigo e os prejuizos das inundações) e dizia-me que viveríamos sempre ali dentro: ela prepararia para mim ricos manjares, e já tinha escolhido os nomes da primeira menina e do primeiro rapaz. Seria sempre a rapariga boa e docil que eu conhecia e até aprenderia a tocar harpa para me distrair nos momentos de mau humor ou de tristeza; então, a pouco e pouco, os meninos iriam crescendo e ela ensinava-os a tocar instrumentos e assim quando eu estivesse num dos tais momentos de mau humor ou tristeza, minha mulher consolar-me-ia com toda uma orquestra em miniatura...

Via e sentia todas essas coisas como se as estivesse

Um dia tornei a vê-la e ela veio ao meu encontro, cheia de amor, brincando de satisfação, atirando flores à sua volta e perguntou-me:

— Porque fugiste, ton-tinho?

— Sabes tocar harpa? pergunta-lhe.

Baixou a cabeça e respondeu-me que não.

— Fazes tentação de ensinar os nossos filhos a tocar vários instrumentos, de maneira que possas formar com eles uma orquestra em miniatura?

Respondeu que não; que não tinha essa ideia.

— Então adeus. — Disse-lhe eu — Amo a outra, melhor do que tu, mestra na arte de tocar harpa, com uns anjos que vão à sua volta e tocam musicas deliciosas quando ela fala e anda.

— De maneira que já me não queres?

— Não — disse eu — Adeus!

E deixei-a só, para sempre, para correr ao encontro da rapariga dos meus sonhos, aquela que eu amava de verdade.



Manuel Serra Payo m.

SÓ NÓS?
E ENTÃO...
...os OUTROS?



OS SIMPLIFICADOS

AI HÁ QUANTO TEMPO EU PARTI CHORANDO
LA DA MINHA TERRA E DO MEU RICO TACHO:
MEU VELHO TOMAZ QUE ME ESTAS FITANDO
VE SE ME CONSOLAS P'RA NÃO ME IR ABAIXO!

DEI A VOLTA AOS LIVROS, DEI A VOLTA A TUDO
SO ENCONTRO VALES, NÃO ACHO DINHEIRO:
MEU VELHO TOMAZ, TU QUE A SABES TODA,
VE LA SE ME ENCONTRAS ALGUM DO TENREIRO...

FALA COM O CESAR, FALA C'O A NATALIA
QUE ELES DEVEM TER UM GRANDE MONTÃO:
MAS ANDA DEPRESSA, OLHA QUE JÁ FOI
HÁ DOIS DIAS DENTRO O TAL VALADÃO...

FALA-ME BAIXINHO, COM MUITO CUIDADO
LENTO, MUITO LENTO, MAS SEM TE ENGANAR:
OLHA QUE SE SABEM O QUE A GENTE SABE
V'AI SER UM SARILHO P'RA OS FAZER CALAR...

E TU SABES BEM, Ô TOMAZ VELHOTE
QUE É POR TUA CAUSA QUE ISTO ACONTECEU:
TODA A GENTE SABE: QUEM COMIA...TUI
QUEM FICOU C'O AS CULPAS? COM CERTEZA EU...

AI: HÁ QUANTO TEMPO EU PARTI CHORANDO
DAQUELE SAUDOSO E SABOROSO TACHO!
HÁ UM MÉS OU DOIS? NEM EU SEI JÁ QUANDO?
MEU VELHO TOMAZ QUE ME ESTÁS FITANDO
SINTO-ME COM GANAS DE TE DAR UM BORRACHO!

LIBERDADE FLORISTA

A MALTA FLORIDA
CONTENTE E CATITA
PELA TRADIÇÃO,
FEZ DESTA LISBOA
DE FIGURA BOA
UM BELO FIGURÃO.

GUARDOU A VERGONHA
QUE AO SOM DAS MATRACAS
MAUS ANOS VIVEU,
ESQUECEU OS RANCORES
E AOS SEUS AMORES
TUDO PROMETEU.

Ô POVO BAIRRISTA
VAIS FICAR NA HISTÓRIA
QUE UM ABRIL MARCOU
NA NOSSA MEMORIA,
O POVO BAIRRISTA
TUA VOZ JÁ SOA
NAS NOITES DE ESPIGAS
DE NOVAS CONQUISTAS
DA NOSSA LISBOA.

DE SAPATOS NOS PÉS,
EM ARES DE RALÉ
E SEM JEITO NO ANDAR,
QUANDO O POVO PASSAVA
A VIDA PARAVA
PARA O OUVIR GRITAR.

NO AR O CONDÃO
NAS BOCAS A CANÇÃO
CANTANDO O AMOR,
QUE A LIBERDADE
DO CRAVO AO PEITO
EM TODOS DEIXOU.

Ô POVO BAIRRISTA
VAIS FICAR NA HISTÓRIA
QUE UM ABRIL MARCOU
NA NOSSA MEMÓRIA,
O POVO BAIRRISTA
TUA VOZ JÁ SOA
NAS NOITES DE ESPIGAS
DE NOVAS CONQUISTAS
DA NOSSA LISBOA.

Por NUNEKAS



ZANGAM-SE AS COMADRES... DESCOBRAM-SE AS VERDADES!

O VALDOMIR CARE-
CÃO, PELOS VISTOS RE-
MEXEU O TACHO DA
TELEVISÃO MAS ENGA-
NOUNO-SE NOS TEMPEROS
PARA O GUISSADO DA
REVISÃO, POIS AO FAZER
A DISTRIBUIÇÃO FICOU
SEM O SEU "TACHÃO".

Depois daquela "bron-
quite aguda", no nosso

Mercado da Primavera,
onde havia verdura, plan-
tas e povo, e havia tam-
bém cravos e artistas e
também lá estava a nossa
televisão, quando chegou
a vez da Cerejeira mostrar
os seus frutos, foi o dia-
bo. Aquilo estava tudo
seco e em vez de ficar a

arder, veio um corte de
água, que ficou tudo sem
pinga de sangue. Então
vão fazer uma coisa da-
queles, quando os artistas
estavam a distribuir cere-
jas novas, limpas, sem pó
e já lavadas? É que fran-
camente tanta higiene,
custa a suportar a quem

viveu tanto tempo no
meio da porcaria, imun-
dice e javardice! Depois
queixam-se que somos
porcos e gostamos de
chapinhar na poça da
água suja. E vá lá, é pre-
ciso saber e ter coragem
para lavar a roupa suja

cont. na pag. 11



HISTÓRIA DOS DITADORES

ERA UMA VEZ UM DITADOR
NO SEU PALÁCIO A REINAR
(REINAR, REINAR, NÃO REINAVA
SEMPRE, SEMPRE A RESMUNGAR)
OS MINISTROS VINHAM DE LONGE
A CORRER P'RA LHE FALAR
(CORRER, CORRER, NÃO CORRIAM
PORÉM FICAVAM A CISMAR)
NÀ TARDE DE OIRO SE OUVIAM
SEUS URRÓS, ENCHENDO OS ARES
(URRAR, URRAR, NÃO URRAVA
MAS FARTAVA-SE DE GRITAR).
O MUNDO ANDAVA DE RODA
E TUDO EM VOLTA A GIRAR
(ELE GIRAR, GIRAR, NÃO GIRAVA
SEMPRE ALI NO SEU LUGAR).

MAS UM DIA (HÁ SEMPRE UM DIA
ATÉ P'RA UM DITADOR)
ELE ENTROU PARA UMA SALA
SAINDO DE UM CORREDOR.

A NOITE IA CHEGANDO
JÁ SE ESTAVA A POR O DIA
(NOITE, NOITE, INDA NÃO ERA
ELE É QUE JÁ MAL VIA).
E AO ENTRAR NESSA SALA
CAIU REDONDO NO CHÃO
(CAIR, CAIR, NÃO CAIU
FOI ATAQUE DE CORAÇÃO).
A VERSÃO QUE NOS FOI DADA;
—ENTROU EM ESTADO DE COMA
(ESTADO DE COMA NÃO ERA,
TROPEÇOU FOI NA POLTRONA).

SUSPIROU TUDO DE ALVÍO
ACABARA A DITADURA
(ACABAR, ACABAR, NÃO ACABARA
MUDOU FOI DE FIGURA).



cont. da pag. 5

D.BRIOLANJA

— Não sejaides parvo. Aquilo que eu tenho estado a pensar é que se ela casar com um fidalgo (ou mesmo um vilão) deste país, talvez isso lhe garanta a ela e a nós a imunidade suficiente para evitar qualquer possível extradição. . .

EL-REI

— Não pensai des nisso. A cachaça do mestre André é forte.

D.BRIOLANJA

— Pois por isso mesmo: quando algum estiver assim meio tocado. . .

EL-REI

— Vós estai des li ru. Alembraide-vos da outra noite da semana passada em que eu lá fiquei até muito tarde e vós fosteis com a nossa filha à minha procura?

D.BRIOLANJA

— Lembro-me sim. E depois?

EL-REI

— Pois nessa noite quando a nossa filha entrou na sala houve um sarilho desgraçado. Um que já estava meio tocado começou a gritar que estava a ter visões e que tinha na sua frente o fantasma do drácula a querer mordê-lo: Outro saltou para trás do balcão e partiu 15 garrafas para meter os cornos dentro da grade onde elas estavam. E o taberneiro declarou-me depois que tinha muita consideração por mim, mas que se ela lá voltasse outra vez tinha que chamar um bruxo para lhe fazer uma salga à porta para o livrar de avantesmas.

D.BRIOLANJA

— Malandro!

EL-REI

— Malandro não. Ele até ficou depois muito meu amigo. Quando eu lhe disse que tinha aquela visão há cinquenta anos ao meu lado ele disse-me que eu já tinha tido castigo suficiente para todos os meus erros. E que quem tinha um mostrongo daqueles ao pé merecia embedar-se todas as noites de borla com a sua cachaça. Hic!

DECLARAÇÃO

Eu, Ramiro Valadrão, agora na prisão, venho fazer uma declaração, para minha justificação.

Dizem que meti a mão, nos cofres da Televisão, mas acreditem ou não, nunca me interessou um tostão, só para cima de um dinheirão e poder fugir então.

Sempre trabalhei com descrição e nunca saberão, mesmo na confusão, onde meti o pastelão, se foi no alcapão, dentro de um malão, ou debaixo do colchão.

Faço esta declaração, para não dar satisfação, a qualquer administração, da Rádio Televisão, nem à Polícia de Investigação, nem ao Tribunal de Instrução.

Aquela organização, com zelo e dedicação, dei a minha colaboração. E a melhor justificação, foi o Festival da Canção, quando dei 10 de classificação e com grande ovação, foi aprovada com distinção, entre todas a melhor canção. Mas sem saber a razão, com grande lamentação, ficou sem classificação.

Lá porque nasci anão, com cara de bonacheirão e com valente narigão, a minha compreensão, não atinge a razão, porque me expulsaram da Televisão.

Maldita a Libertação, que me deixou sem um tostão e metido na prisão. Antes o fascismo, porque não? Que nos deixava meter a mão, dentro de qualquer tachão.

Ramiro Valadrão

OS RIDÍCULOS

O MAIS ANTIGO
SEMANÁRIO HUMORÍSTICO PORTUGUÊS

DIRECTOR
SILVA NOBRE

PROPRIEDADE
HUMBERTO S. NOBRE

Redacção e administração
R. Conde Redondo n. 1? - 2? LISBOA
Tel. 53 85 85-53 79 49-48668-563158

Composto e impresso na "LIGRÁFICA" - S.A.R.L.

DISTRIBUÍDO PARA TODO O PAÍS POR
AGÊNCIA PORTUGUESA DE REVISTAS
R. SARAIVA DE CARVALHO - LISBOA

ZANGAM-SE AS COMADRES... DESCOBREM-SE AS VERDADES!

cont. da pag. central

como deve ser; não queremos agora de repente fazer a vinda e lavar os custos numa penada só. Tanta fruta de repente acaba por enjorar. . .

No meio deste romance florido, o mais engraçado e "grotesco", foi a notícia posta a circular, que o Valdomir Carecão, fora parar à gaiola, para entrar em pormenor e ajuste de contas. Agora que chegou a hora de em vez de se pescar em águas turvas, pesca-se em águas limpas, é tudo uma questão de mudanças de águas. E de pescadores.

Fomos informados que está tudo a precisar de uma revisão geral, mas nós não percebemos muito bem, como é que é possível fazer revisões, numa altura em que se fala tanto em reivindicações e saneamentos.

Claro, lá vem a enfadonha azenha dizer que água mole em pedra dura tanto dá até que fura, mas isso era dantes. Agora os ventos da história mudaram de direcção e nós por cá andamos todos à nora, para ver se pomos e arrumamos a casa a tempo e horas, porque isto andava tudo às avessas e numa balburdia, que ninguém se entendia.

Afinal o Valdomir Carecão, foi comprar o material ao ferro-velho! E nós a pensarmos, que era tudo novinho em folha. Sempre levamos cada "banhada"! E depois como é que nós queríamos que o som e a imagem do caixote do "video-tape" saísse nas devidas condições.

Aquilo está tudo numa miséria. Conseguimos melhor som e imagens nas transmissões directas com a colaboração da televisão da Euro-Unida, do

que nas nossas ligações internas. Então onde é que está o mal? Ou é do cu ou é das calças! Assim ninguém se entende: levase cada arrepio e depois não se pode abrir o pio. E quem é que paga as "taxas"? Pelos vistos aquilo está muito pior do que se poderia pensar, anda tudo preso por arames e com pingos de solda

por toodos os lados. Assim não vale, é fazer batota com o material e com o pessoal.

Ainda há dias tínhamos ouvido um comentário irónico e genérico, que os nossos Estudos e Equipamento era dos melhores da "Europa". Sempre há cada tipo e cada género de comentário, é que estes tipos

são mesmo uns "brinca-lhões". . .

E depois ainda não contente com a trans-fusão do material, pelos vistos até parece que arrecadou uns "cobres" para a sua fundação. Aquilo é que era uma prenda; estava mesmo a precisar de mudança de "canal", claro agora na "doce vida" espera e aguarda ordens

de limpeza.

No meio de isto tudo, é preciso que as comadres se vão zangando, para a pouco e pouco se irem sabendo as verdades. Tudo isto é fruto daquela árvore das patacas que de um momento para o outro deixou de ter aquela seiva. . .

Mas oh! Que seita de bandidos. . .



AS NOSSAS SENSACIONAIS ENTREVISTAS



O TURISTA

Ia eu muito macambuzio pela rua abaixo ainda a ruminar (salvo seja) os berros do meu chefe de redacção que me tinha intimado a trazer-lhe uma entrevista até ao meio dia sem falta, e a dizer com os meus botões que isto de escrever nos jornais havia de acabar triste, quando vi um casal de velhotes com as marcas inconfundíveis da sua origem estrangeira a marcá-los definitivamente como turistas.

— Bestial! Uma entrevista com turistas. Genial ideia!

Puxei o lustro ao meu impecável inglês de boca seca e dirigi-me ao casal:

— Alô! (isto é que eu sei, dizer melhor)

O velhote riu-se e respondeu:

— Alô! How are you?

Bom, a coisa não vai mal: e disse:

— Me, jornalista! You spik me for my jornal-paper?

Yes! Mim sabe ablar poucacinho sua lenga! You faz questions!

— Não senhor, não faço questão nenhuma! Eu até era isso mesmo que queria! You inglês?

— Yes! Mim inglês. My wife también inglês!

— You like Potugal? Love, love?

— Yes! Mim like mucho Portugal. Muito sun. Muito flores. Muito crava!

— Bom essa de muito crava, também a gente sabe. Mas fora isso? What pensa You de Lisboa?

— Oh, Lisbon very nice. Mim estar Alfamia, mim estar Bairro Alta, mim comer sardinha e comer jarra de vinho.

— Não é comer, é beber. Vinho é beber!

— Pardon, mim comer com jarra de vinho na pinha. Ha-veu grande barulha naquele tasca.

— Oh, I'm sorry.

— Também me. Mim ter ficado muito sorry e muito cagado. Vina verde ser carração.

— E you gostou do fado?

— Gostou very much. Todo o people cantou fado da Vila Morena. E todo aquele people gritava povo unida jamais será vencida; but me que estava muitos hora esperando comida gritou "turista unida jamais será servida" e senhor sacana na outra table ferrou com jarra de vinho na minha tola.

— Não foi por bad... .

— Mim sabe. Mim ficar amigo de senhor sacana. Enfiar sardinha por um olho dele. Great festa.

— E já conhece outras city de Portugal? Já visited Esturri!

— Ah, yes. Esturri!. Very bonito. Mim tomar banhas muito bom. Ficar todo escurinho.

— Pois! O sol muito forte... .

— No, no, sir. Ficar escurinho por causa de sopa.

— Sopa? Você foi comer sopa na praia?

— No, no! Sopa estava no água. sopa parecia de feijon. Escurinha e também tinha couves.

— Pois fique sabendo, mister, que our praias are very godes. Toda a gente diz.

— É verdade. E também diz. Mim não querer contra-

riar ninguém. Praias muito praticas: tinha até no areia muitos bocados of plastic para limpar escurinho da sopa!

— Bom o que interessa é que as passas se divertam... .

— Pois: mim divertir muito. Outro noite mim ter assistido grande show de Far-West-Sodré. Plenty porrada. Mim estar sentado ao pé de parede do saloons e devirtir a contar gajos levava chapada na fucinha. Great show.

— E o Algarve? Do you like it?

— Oh yes, Algarve muito linda. Mim não beber lá gota de água. Gente muito sofisticated. Very fina. Não beber água da torneira porque parece microbias já tinham bebido toda e torneiras ficou seca: depois parece nascido ter muita água, mas acabou garra-fões; so, me comprar garrafas de vinho branca para tomar banha e Whisky para matar sede. Very good!

— Pois é. Portugal é um grande país.

— Oh yes, Mim ter lido jornais of my terra que povo português tinha pouco escola: mentira. Mim sabe gajo povo português muito ilustrado.

— Lá isso... .

— Verdade! Mim conhecia escritores portugueses, Camões, Gil Vicente e Ferreira de Castro: mas mim não sabia haver tanto escritor em Portugal todo o gente escreve. Todo gente escreve nos pades. Muito literatura.

— Então, thank you! E continui a divertir-se.

— Pois continua, continua! Hoje noite mim vai outre vez no tasca de Alfamia. Tem outro sardinha para enfiar outro olho do Senhor Sacana meu amigo!



QUERO MAIS DINHEIRO!
QUERO MAIS DINHEIRO!
JÁ DISSE QUE QUERO MAIS DINHEIRO!
SÓ O TRABALHO SUPLEMENTAR QUE VAI DAR A DISTRIBUIÇÃO DAS "CONTRA-FÉS" AOS GAJOS DA TELEVISÃO E AOS EX-PRESIDENTES DA CÂMARA...



O PRAZER PROÍBIDO

Ali estava ela, finalmente inerte, estendida na minha frente.

Tanto que eu tinha desejado este momento de desforra final. Não. Não ia deixar que a minha furia me impedisse de satisfazer lentamente os meus instintos. Ia ser devagar... Muito devagar que eu acabaria com ela. Bem sei o que esperava depois: alguém havia certeza de me vir fazer perguntas, para me fitar bem no fundo dos olhos, e para me interrogar com aquele jeito falsamente suave dos inquisidores. Bem o sabia. Mas mesmo assim... tinha que a destruir. Tanto que eu tinha esperado este dia. O que viesse depois, fosse qual fosse o preço que me fizessem pagar — eu já sabia que nunca aceitariam quaisquer explicação que eu desse — aquilo tinha que ser feito.

Voltei a olhar para ela. Imóvel. E aparentemente inofensiva. Ah, mas só aparentemente: eu bem sabia o que ela valia. Olhei em roda: ninguém. O enorme casarão estava deserto.

Tornei a voltar-me para ela, e peguei lentamente na faca. Senti a saliva a molhar-me os cantos da boca. E com um requinte

de estranho prazer crevei-lha no peito. Pareceu-me que ela tinha estremecido levemente. E para que não me escapasse naquele momento, Cravei a faca

mais fundo.

Mais e mais, até que a lâmina resvalou em qualquer coisa. Pus a faca de lado: já não me era preciosa. Com as mãos. Tinha

que ser com as mãos que eu lhe havia de arrancar a carne, essa carne branca e rosada que mesmo morta ainda tinha uma estranha beleza.

O primeiro pedaço não era muito grande: a carne tinha rasgado num sulco irregular, mais pequeno do que eu queria: mas não fazia mal; havia outros...

No silêncio da rua começou a ouvir-se ao longe a serene de uma ambulância ou talvez um carro da plúcia. Ainda pensei ir até à porta espiatar: aqueles gritos lancinantes das sereias fazem-me sempre estremeecer. Mas desisti. Afinal a serene de uma ambulância é um ruído vulgar, como qualquer outro.

Aquilo precisava de mais um pouco de arte. Voltei a pegar na faca, e com um gesto rápido cortei de alto a baixo. Finalmente! Agarrei avidamente com a mão enlevinhada a carne que a faca separara do corpo dela, e num estremecimento de prazer crevei-lhe os dentes.

Ah! Há tanto tempo que eu tinha desejado isto. Tinha-a finalmente só para mim. Bem sabia que teria que pagar caro esta louca aventura: uma lagosta daquelas ia-me custar quase metade do ordenado: mas eu tinha finalmente mandado vir uma das maiores, e quando saísse daquele restaurante deserto só havia de deixar ali as cascas!



A RECONVERSÃO ECONÓMICA

Ora meus ilustres meninos, toda a gente já ouviu dizer — pelo menos nestes últimos tempos, em que toda a gente pode dizer tudo — que a economia portuguesa está um bocado avariada. Claro que toda a gente diz coisas, como a irmã Georgina, mas a verdade é que ainda não apareceu um espírito esclarecido e esclarecedor que esclareça com esclarecidos esclarecimentos o que é que se deve fazer para remediar esse mal.

Mas... não desesperem! É para essas e para outras que eu estou aqui, e como já sei que tanto me pagam assim como me pagam assado, não tenho dúvidas nenhuma em ensinar essa maralha toda a resolver esse bico de obra da economia portuguesa avariada.

É muito simples. Primeiro que tudo importa verificar os seguintes factos, que toda a gente proclama, mas ninguém sabe o que lhes há-de fazer: as casais são caríssimas, tan-

to em Lisboa como nas grandes cidades. Depois também em Lisboa e nas grandes cidades, o trânsito está numa miséria. A seguir também em Lisboa, a poluição está a abafar toda a gente.

E se olharmos para o outro aspecto da questão, aí por exemplo de Fornos de Algodres para baixo, verifica-se que os campos não são cultivados porque a gente do campo foi venear para França e para a Alemanha, e que as vilas e as aldeias estão praticamente desertas.

Ora vocês são tão brutos que ainda não atinaram com o remédio para essa situação? Apre que é preciso ser-se muito tapadinho, graças a Deus! Pois aí vai.

Primeiro que tudo, convida-se o J. Pimenta, o J. Caetano, e os outros Jotas todos que se dedicam à construção, a suspenderem todas as suas obras de prédios que estão a construir em Lisboa e nas grandes cidades, e a construir em grande escala e com isenção de

todos os impostos, nas terras da provincia.

Dentro em pouco tempo começariam a surgir os arranha-céus em Freixo de Espada à Cinta, e urbanizações gigantes em Sarilhos de Baixo.

Como os campos ainda estão moles das ultimas chuvas, seria boa altura para lá se abrirem umas boas valas para meter o metropolitano, ao qual infelizmente teria que se acrescentar mais algumas carruagens, mas isso era o menos: atrelavam-se-lhes alguns dos carros electricos velhos e a coisa devia dar resultado.

Como é evidente teriam que se criar nessas terras da provincia uns determinados polos de atracção, que poderiam ser por exemplo postos de venda de bacalhao a 25 paus o quilo, gasolina a 7550 o litro ou paposecos a tostão.

Não demorava concertezita seis meses que a provincia toda estivesse elevada ao nivel das mais metropoles europeias, e até certamente se criariam por toda a parte teatros com bilhetes de plateia a vinte paus, e salas de cinema com entradas a cinco.

É claro que os meus ilustres educandos estão a ver o que acontecia em Lisboa, no Porto, e noutras outrora grandes e populosas, poluidas e intransitaveis cidades: ficavam mais ou menos ás moscas.

Não haveria de existir: desde as terras do Charquinho até à Brandoa, desde o Calhabé até à Fonte Nova, desde o Bulhão até ao Carvalhido, ficaria muito terreno livre para se proceder ao apascentamento de rebanhos, e à cultura de molhos de

bróculos, couves lombardas ou simplesmente batata.

Teria este esquema além disso a vantagem de dispensar o emprego de quaisquer adubos, já que os sistemas de recolha de poluição das cidades estão a funcionar perfeitamente, os esgotos têm várias e aproveitáveis saídas para vários lados, e os detritos acumulados são facilmente convertiveis em fertilizantes.



cont. da pag. 3

AMOR — Terá que se acautelar com esses excessos, pois ainda acaba por ser vitima de alguma greve sexual.

SAUDE — É tudo uma questão de saber praticar desporto, pois isso revitaliza o organismo.



CAPRICORNIO

TRABALHO — Até já vai concorrer aos jogos florais à sua profissão. Livra, que você é mesmo especialista a tirar prémios e lugares aos seus colegas. Claro que é mais um privilegiado.

AMOR — Olhe que é tudo uma questão de saber aproveitar o tempo, devagar mas bem que é para a coisa resultar.

SAUDE — É altura de fazer uma revisão geral, pois essa azia começa a dar-lhe uma cara de avarento.



AQUARIO

TRABALHO — Que tal essa arte? Trabalha numa orquestra e é pianista. Como vai esse teclado e essa escala de notas? Atenção que quando acabar o concerto quem leva o piano é o moço de fretes.

AMOR — Praticar esse sublime acto de amor sem musica, a vida para si não teria significado.

SAUDE — Levante-se, deite-se, trabalhe e coma tudo acompanhado com musica e verificará que a sua vida passará a ter outro ritmo.



PEIXES

TRABALHO — Não é cuidado nem pescador e até nem gosta de peixes. Você que nunca foi carne nem peixe dedique-se à pesca desportiva. Verá que resulta e acabará por definir a sua situação.

AMOR — Comece por dar uns mergulhos e fazer umas incursões submarinas e ainda virá a dar em golfinho.

SAUDE — Toda a sua vida foi sempre virada para o mar. Continue, mas cuidado com essas sereias e escamas.



CORRESPONDENTES

Famigerado Pilantra, que por ter pertencido à antiga PIDE/DGS, se encontra preso na cadeia de Caxias, precisa de apoio moral e de madrinha de tortura. Só responder pessoa que tenha pertencido à Legião Portuguesa ou congénere, para estar dentro do assunto. Resposta visada pela censura à nova Rua António Maria Cardoso.

Rapazote algures em parte incerta, precisa de corresponder-se com menina muito simpática bonitona, que seja uma competente secretária esteno-dactilógrafa, que tenha sido espia, para tratar dos ultimos casos de espionagem interna. Resposta ao Ministério de Dentro — Monte Branco — Alpes Lusitanos.

rebola boia

CAMPEONATO DO MUNDO



Isto agora é que é um gozo, ó maltat! Agora a televisão dá futebol quase todos os dias. E do bom. Claro que não é bem aquilo que a gente gosta: os futebolis cá das nossas pandilhas, com a malta que a gente conhece, o Manaca e o Diniz, o Eusébio e o Simões, o J.J. e o Duda... isto para não falar de tantos outros, dos nossos clubes preferidos.

Mas enfim, sempre é futebol. A gente começa a ver o desafio, como foi

aquele da inauguração, e começa a ver os brasileiros a fazer fintinhas, e diz assim: Ena pá, isto é que é jogar. Vejam lá se isto tem algumas parecenças com o nosso futebol tão fraquinho. Olhem para aquelas gambetas. Aqueles cruzamentos. Olhem aquela brasat (não é essa da assistência, ó seu palermat! É a que o Jairzinho mandou à balizát!) E a gente vai ficando a olhar para aquilo e daí a bocado começa a perguntar:

— É pá: mas os gajos não fazem mais que aquilo? Atão o guarda-redes brasileiro não sabe despaçar a bola? Ou estará doente do pé? O que é aquilo de atirar a bola a rebolar para dois metros à frente?

Olha para estes artolas. Só sabem arriar torte e feio. Mas isso também a gente cá tem quem faça a ainda lhe chamam no-



ment

Então tanta garganta... e ninguém mete um golo? Mas o que é aquilo? Estão a jogar à barra ou ao futebol? E é isto o campeonato do mundo?

Ah! Agora já se percebe porque é que nós não fomos lá. É que aqui ao menos joga-se e metem-se golos. As vezes é off-side,

mas que diabo, sempre são golos. Agora aqueles andam para ali às corridinhas, parece que estão a jogar ao jará, e não saem daquilo... Ora merda para esse campeonato: o nosso futebol é muito superior!

fim



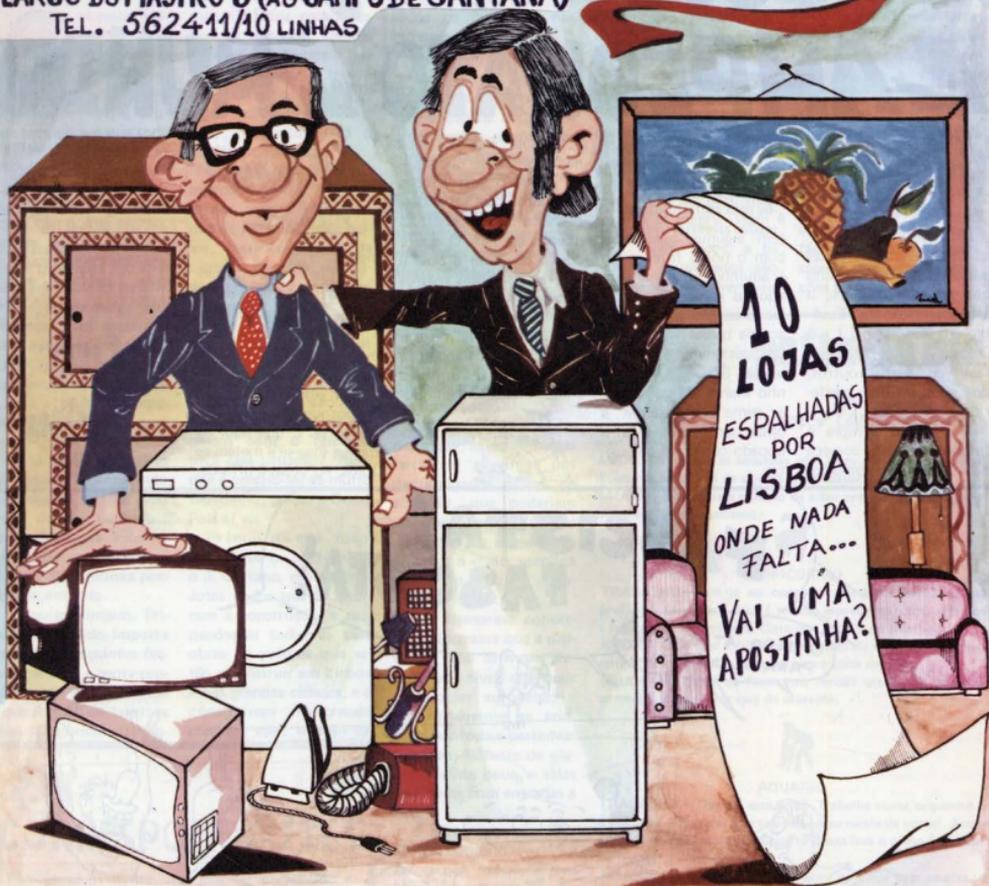
FASCISTA! FASCISTA!

O TIPO ATIROU-SE
PARA A DIREITA...



SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO 5 (AO CAMPO DE SANTANA)
TEL. 562411/10 LINHAS



A MAIS FABULOSA GAMA DE APARELHAGENS
ELECTRODOMÉSTICA E DE SOM ESTEREOFÓNICO DAS
MAIS FAMOSAS E ACREDITADAS MARCAS MUNDIAIS
MOBÍLIAS MARAVILHOSAS EM TODOS OS ESTILOS
COLCHÕES SENSACIONAIS DE CONFORTO
"EPEDA" E "DELTALOC"